

O Governo, a CUT e o País

CORREIO BRAZILIENSE

23 AGO 1993

João Emílio Falcão

A baderna ocorrida no Congresso na última quinta-feira, quando da votação da MP sobre os salários, demonstra, de forma inequívoca, a nossa imaturidade política. Acusar somente os trabalhadores não é justo. No máximo, levar-nos-ia a bancar o aveSTRUZ, enterrar a cabeça no chão, para fugir da crise existente e concentrar-nos no detalhe.

A algazarra da galeria, que em coro bem treinado chamava os parlamentares de ladrões e atirava-lhes notas rasgadas, não foi espontânea. Ao contrário, foi organizada e teve como objetivo a exploração política, a criação de um clima de confronto, como se uns fossem os representantes do bem e outros do mal.

Isso não é bom para o País, que continua enfrentando dificuldades econômicas, convivendo com uma crise que se arrasta há vários anos. O governo Itamar Franco tem procurado reverter esse quadro e, de certa forma, começa a obter resultados, como o demonstram a queda do desemprego e os primeiros sinais de retomada do desenvolvimento.

Claro que, se pudesse, o presidente da República daria a reposição

pretendida, de cem por cento, porém no quadro atual isso é impossível, pois levaria à disparada da inflação, atingindo-se os níveis da época do consultor Maílson da Nóbrega, aquele da teoria econômica da feijoadá. É preciso evitar que tal aconteça e o Governo não pode condescender mesmo que lhe custe a popularidade. O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, que está tendo a coragem de dizer não para evitar o descalabro da inflação de 84 por cento de Maílson, foi, no entanto, transformado, em discursos monocórdios, em Santanás divertindo-se a atazarar a vida dos trabalhadores. Foi uma desonestade política.

O presidente da CUT, Meneguelli, pouco antes da votação, regalava-se, com três companheiros, no restaurante do Senado, onde o preço médio de refeição é de CR\$ 1 mil. Isso não o impediu de conduzir os protestos dos trabalhadores em defesa dos que ganham salário-mínimo — quase CR\$ 6 mil —, porque, decerto, conhece, pelo menos de ouvir falar, as necessidades que estão passando. Pelo tempo de presidente da CUT, sabe Meneguelli que salário não causa inflação, mas tem consciência de que não pode correr atrás, pois sairá perdendo.

A iniquidade social é um fato e o governo Itamar Franco tem procurado corrigi-la, enfrentando os que se aproveitam da crise existente. Mereceria o apoio das classes trabalhadoras porque, como disse o deputado Roberto Magalhães, um dos mais cultos e inteligentes parlamentares, é o primeiro Presidente, desde Getúlio, a verdadeiramente preocupar-se com os pobres. Em vez disso recebe hostilidades, os líderes sindicais procuram o confronto porque todos estão com pretensões políticas. Se os empresários exploram os trabalhadores, eles os iludem com reivindicações, que, sabem, não poderão ser aceitas.

O País necessita da colaboração de todos, de ordem e respeito. Os manifestantes da galeria da Câmara, que faziam arruaria enquanto deputados e senadores trabalhavam, cumpriam com seu dever, tentaram impor a lei da baderna, a democracia da intimidação. Não deu certo antes, não dará agora, pois ao desmoralizarem o Congresso, estão abalando a democracia. Os trabalhadores deram sua colaboração aos que defendem a fujimorização.

■ João Emílio Falcão é jornalista